



INSTANTES  
CRAVEJADOS

DE  
MEMÓRIAS

Natanael Lima-Souza  
Adriana Mendes Polato  
Wilma Coqueiro - (Orgs.)

ORGANIZAÇÃO

Natanael Lima-Souza  
Adriana Mendes Polato  
Wilma Coqueiro

# **INSTANTES CRAVEJADOS DE MEMÓRIAS**

Um registro sob olhar artístico-literário quanto à situação sócio-histórica da pandemia da Covid-19 no Brasil.

Campo Mourão - PR  
2020

**Título original** Instantes cravejados de memórias  
**Diretor de edição** Natanael Lima-Souza  
**Capa e diagramação** Natanael Lima-Souza  
**Ensaio fotográfico** Amanda Belzuino  
**Revisoras** Adriana Mendes Polato  
Wilma Coqueiro  
**Tipografia** Livro digital  
**Número de páginas** 77

# SUMÁRIO

<b>PRENÚNCIO</b> .....	p. 06
<b>CAPÍTULO 1</b>	
Entonações de pandemia .....	p. 10
Poema por Adriana Mendes Polato	
A pandemia acabou? .....	p. 13
Poema por Carolina Cassarin Paes	
A morte invisível .....	p. 15
Escultura por Ludmila Soares	
Aqueles que nos colhem .....	p. 16
Crônica por Matheus Gabriel Ibba Camargo e Silva	
<i>Love it if we made it</i> .....	p. 19
Página do Instagram por Amanda Belzuino, Caio Vicente, Gabriela Torres e Natanael Lima	
Relato de um professor, estudante e escritor, de um filho em pandemia .....	p. 20
Crônica poética por Natanael Lima	
Poema em linha reta .....	p. 23
Poema por Carolina Cassarin Paes	
Casulo .....	p. 25
Poema por Tchay Vilela	
Estilhaços .....	p. 27
Poema por Danieli Cássia dos Santos	
Respirar .....	p. 28
Poema por Tchay Vilela	
Ontem passei a noite acordado .....	p. 30
Poema e canção por Natanael Lima	
<b>CAPÍTULO 2</b>	
Biografia .....	p. 34
Biografia por Karina Brito Madeiro	
Pequenos Detalhes .....	p. 36
Conto por Karina Brito Madeiro	

Begônias, begônias vermelhas .....	p. 39
Conto por Patricia de Menezes	
A morte da ... ..	p. 43
Conto por Danielli Cássia dos Santos	
Apocalipse .....	p. 44
Crônica por Carolina Cassarin Paes	
Através do rio .....	p. 47
Conto por Gabriela Torres	
<b>CAPÍTULO 3</b>	
Tempestade .....	p. 49
Poema por Tchay Vilela	
Tempestade Introspecta .....	p. 50
Poema por Fabricio Pereira	
b r e v e s e l e g i a s .....	p. 51
Poema por Sandro Adriano da Silva	
o desfile .....	p. 58
Poema por Sandro Adriano da Silva	
Desesperadamente só .....	p. 60
Poema por Henrique Colasante	
Luna Dança .....	p. 62
Canção por Daniel Tavares	
Delirio Saturnal .....	p. 63
Poema por Pedro H Braz	
Palavras .....	p. 66
Poema por Carolina Cassarin Paes	
Fênix .....	p. 67
Poema por Tchay Vilela	
<b>PERFIL DO ARTISTA</b> .....	p. 70
<b>BONUS TRACKS 1 &amp; 2</b> .....	p. 74

## PRENÚNCIO

Uma epidemia é um quadro de contaminação por uma doença infecciosa periódica que acomete grandes grupos de indivíduos. Quando o nível de contaminação aumenta e não mais se restringe a grupos de indivíduos, mas passa a tomar proporção de centenas de milhares ou milhões de pessoas, essa se torna uma pandemia.

Em 11 de março de 2019, o mundo assistiu à Organização Mundial de Saúde (OMS) declarar a pandemia da Covid-19. A situação sócio-histórica pandêmica reconfigurou a organização da vida em todos os seus domínios: social, cultural, político e econômico, pela determinação da OMS para que o isolamento social fosse a saída adotada a evitar o contágio generalizado e, logo, o colapso dos sistemas de saúde. No isolamento, o tempo e o espaço no lar passa a ser o cronotopo reflexo do todo da vida social.

Desde fevereiro de 2020, a Covid-19 era noticiada em seus primeiros casos no Brasil e, junto a ela, cravado em seu prelúdio, era noticiado um estado de grande crise no país. No mês seguinte, presenciamos uma polarização dos discursos quanto à doença. Uma parte da sociedade, amparada nas falas do Presidente Jair Bolsonaro, amplamente disseminadas nos veículos de mídia e redes sociais, tomou como passível de opinião as medidas de contenção da doença, se opondo ao discurso científico, enquanto a outra parte o defendia e tentava frear a primeira onda da doença, que, incontornável, perdura. Como aponta a imprensa ao meio dia de 14 de dezembro, a Covid-19 soma 21.825 novos casos diários, atingindo um total de 6.901.952 de contaminados e 181.402 de mortos.

Os números altos excedem os da doença e se estendem aos escândalos na esfera política brasileira, à corrupção desenfreada, à taxa de desemprego, aos casos de violência contra mulher, aos casos de depressão e ansiedade, às estimativas de evasão escolar e acadêmica durante e pós-pandemia e às outras esferas em caos inerente.

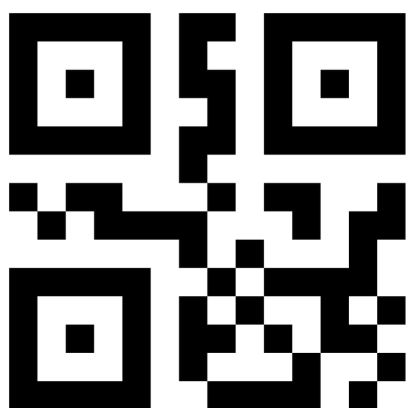
Imersos a esse cenário de calamidade que aflige o país e o mundo, em junho, estudantes e professores do curso de Letras da Unespar, *campus* de Campo Mourão, unem-se para projetar uma obra que retratasse esta situação sócio-histórica, para seu registro e compreensão sob uma proposta de arte e escrita expressiva e livre, mas socialmente comprometida, que literariamente prenuncia críticas sociais e compartilha avaliações.

Assim, *Instantes cravejados de memórias* se constitui como um registro de uma situação sócio-histórica, que sob perspectiva artístico-literária concretizada em

diversos gêneros, verbais e não verbais, encerra a manifestação responsiva e ética comprometida de autorias socialmente afetadas pelo contexto pandêmico.

Então, neste dia de 14 de dezembro – data de publicação da coletânea – quando os números de casos anunciam um segundo pico da Covid-19 no Brasil, reitera-se na produção intelectual por meio desta obra artístico-literária a necessidade de retratar as vozes do cotidiano. A esfera artístico-literária é berço de projeções valorativas de onde emergem enunciados que propõem rupturas, portanto, que essas reverberem os discursos dos oprimidos e que alcancem as camadas superiores da ideologia, como reivindicação de sua legitimidade.

*Instantes cravejados de memórias* encerra o direito de espaço à voz como vazão no mundo. Que se prospecte essa voz dos desconhecidos, a permear os espaços formais com sua arquitetônica desnudada, que convida o leitor a ser sujeito crítico, consciente em seu tempo-espaço. Da vida para a arte e da arte para a vida, *Instantes cravejados de memórias* é protesto, é voz de liberdade!



Este livro utiliza do recurso de *QR Code* do *Instagram*. Quando encontrá-lo, abra o aplicativo e vá até seu próprio perfil. No canto superior direito da tela, clique no ícone de três barras, lá será possível encontrar a opção "Código QR". No painel do QR, basta apontar a câmera para o código presente no livro e esperar que a página seja aberta. Certifique-se de estar com o brilho de tela alto no aparelho em que o livro estiver aberto. Caso opte pelo mecanismo de pesquisa comum, use o nome de página presente no livro.



FOTOGRAFIA POR AMANDA BELZUINO



# 1. *CAPÍTULO*

## ENTONAÇÕES DE PANDEMIA

Escolha as entonações da poesia pandêmica

(reflexão ou...)

Venta aqui dentro  
e daí? pouco importa!  
morram os pobres,  
cloroquina

(raiva ou...)

A vida chama lá fora  
E o pássaro azul de Bukowski  
preso em meu peito de Alerquina, e eu dentro dele,  
cloroquina

(impaciência)

Ele quer voar, está impaciente, enclausurado  
Alívio, com próprias mãos dou jeito  
Abro o tórax, o peito pra fazer rima pobre  
Deixo-o espiar lá fora  
sem demora  
Formo grades com os dedos  
para que não vá agora

(foda-se)

Jogo álcool 70% em sua cara  
E deixo entrar as fumaças amazônicas e pantaneiras  
Essas queimadas criminosas cujo culpado é vento  
FODA-SE ESSA PORRA DE SOCIEDADE POLÍTICA MALDITA  
RAÇA MISERÁVEL, ÓDIO MORTAL EU SINTO  
Enquanto a tormenta do sonho  
ladeia as janelas da alma.

(Liberdade)  
SIM, é a alma quem voa rasgada  
Peito aberto  
zune o vento em seu oco  
Feito sopro  
em boca de garrafa  
(superação)  
Por baixo das escápulas quebradas  
Estende-se o V das águias  
(terror)  
Sinto o frio dos sem nome da rua  
Ouço o grito das prostitutas com fome  
À sombra da lua nua  
Vejo os sem-nome, os sem-teto, sem-nada,

(eu te resolvo)  
Passo a vigila  
E um maldito enjaulado  
De alma perturbada  
quebra com murros duros  
a cara de sua "amada"  
Num canto  
Uma velha pobre treme sem fôlego,  
morre, e na vala é enterrada, como uma porca.  
E fede a bosta da boiada.

(reflexivx ou revoltadx)  
Não posso voar abatida por fatos  
Levanto  
Arranco as flechas  
E sobre as feridas  
com Hilst, costuro no peito o infinito  
E as asas deste poema, ninguém corta,  
cloroquina,  
asno  
débil  
fardo  
ema  
Signo do atraso.  
Eu choro!  
E tu, choras?



## A PANDEMIA ACABOU?

E agora, José?  
O carnaval cancelou  
Olimpíada adiou  
A escola fechou  
O álcool em gel até pegou  
E o papel higiênico acabou  
Mas ninguém entendeu  
O povo se revoltou  
E a máscara não usou  
O cuidado não vendeu

O bom senso faltou  
E o bar aglomerou  
E agora, José?  
Já não podia sair  
Nem aglomerar  
O dia veio e passou  
A noite esfriou  
Todo mundo surtou  
E não quis aceitar  
É melhor ignorar  
Não pensar  
Cloroquina pra medicar

O toque de recolher tocou  
Mas ninguém quis se cuidar  
E agora, José?  
A filha desobedeceu  
A esposa se internou  
Com ele nada aconteceu  
Mas um outro José morreu  
Será que foi aquele  
Que no bar lhe atendeu?  
Difícil acreditar

E agora, você?  
Você que é sem nome  
E que, quando morre  
De estatística não passa  
Estatística apagada  
Ocultada, violada  
Que não tem fé  
Não tem nada.



## A MORTE INVISÍVEL

Quem sou eu? Ora, eu sou a morte. Não aquela com ceifa e com vestes pretas. Eu sou uma morte invisível que já levou mais de 181 mil brasileiros, por causa da Covid 19. Aquela morte que mata o trabalhador que pega o metrô lotado em meio a uma pandemia para levar comida para casa. E no dia seguinte? Já foi substituído por outro.



A morte invisível \_\_\_\_\_ escultura em papel machê, 12 X 17

## AQUELES QUE NOS COLHEM

- Ei... Acorde!

- Hum?

- Levante-se, morto número 100,000. Você acabou tomando outro rumo além do purgatório e veio para a Secretaria das Mortes. Aqui, todas as Mortes de cada um dos países se reúnem para entregar relatórios de essências humanas colhidas por semana.

- Mas... espera... se sou um morto agora, não deveria ser um número maior? Algo como 80 milhões?? E por que estou neste escritório? E não eram almas humanas?

- Ah, é uma situação especial! Às vezes ocorrem situações soberbas no mundo como pandemias e guerras, então o Registro Divino contabiliza de outra forma: mortos por guerra e por pandemia representam uma outra contagem, sendo separados em outras gavetas, para pastas e arquivos personalizados em computadores. Olha essa aqui. É a pasta mais recente que a Secretaria criou, se chama "Covid-19". Nela registramos aqueles que morreram pelo vírus desde o começo da pandemia. Você está nessa pasta, sabia?! Você morreu no seu próprio país, o Brasil. E eu peguei sua essência e sua alma. Você é um em um milhão, como você dizia enquanto vivo.

- Nossa... mas por que estou aqui, afinal, e sem lembranças?

- Você foi chamado para trabalhar aqui! Você me perguntou da alma, se lembra?! Bem, poucos humanos têm almas. Os poucos que as têm são aqueles que possuem empatia. Esses são escolhidos desde o nascimento para fazer parte dos Registradores: humanos que, depois de mortos, desenvolvem alguma função para o RD. O resto não nasce com alma, simplesmente. Para trabalhar aqui, todas as suas memórias são apagadas. Ordens de cima, nada mais de explicações. Pegue a caneta, a câmera e o caderno. Você foi escolhido como assistente-próximo anotador de mortes. Um trabalho simples: tirar foto do futuro morto, anotar o número da morte, país, cidade e as datas de nascimento e de óbito. Já que está na pasta Covid, não há necessidade de colocar a causa. Ah! E essa caveira aí é de seu corpo humano; uma lembrancinha que o RD dá pros Registradores.

- Mas eu não sei fazer nada ainda, e credo!

- É fácil, e pare de frescuras! Vamos logo, temos uns 14.000 hoje para contar. Rápido!





<https://fotos.estadao.com.br/fotos/geral,vista-aerea-mostrando-sepulturas-no-cemiterio-de-nossa-senhora-aparecida-em-manaus,1102476>



QR Code..... Página do Instagram: @love\_it\_if\_we\_made\_it



## RELATO DE UM PROFESSOR, ESTUDANTE E ESCRITOR, DE UM FILHO EM PANDEMIA

Por dois anos eu lecionei na educação infantil. Lá a gente encontra alguns comentários que pairam sobre a cabeça de toda criança. “Como pode tão má educada?”. “Essa criança tem tendências depressivas que não fazem sentido pra idade dela”. “Será que esse desinteresse todo é déficit?”.

Em igual peso, lá a gente também encontra a raiz dos problemas em toda família. Há crianças que chegam à escola sem terem se alimentado. Há crianças que chegam sujas de suas próprias necessidades básicas. Nessas famílias há ódio? Desamparo? Há crianças que levam aos seis anos seu celular para a escola. Há crianças que levam brinquedos novos toda semana. Nessas famílias há o quê? Despreparo?

Também tive a oportunidade de lecionar no ensino fundamental. Eram maiores e, igualmente, os desafios também eram. Uma geração desinteressada, mais voltada às coisas plásticas, comerciais. Mas foi ali que encontrei um propósito, aquelas mesmas crianças tinham sede de consciência. Elas sabiam que o b mais a não bastava. Viviam entediadas em um mundo insuficiente, com famílias e ideologias insuficientes.

Hoje a sala está vazia e eu me pergunto: como será que se interessam minhas desinteressadas crianças em suas desinteressantes telas remotas. Será que suas famílias conseguiram virar a moeda do interesse em ensinar? E se não passar de um surto coletivo, que aqueles pais ainda acharão que são os professores quem merecem um corretivo? Eles!

Eu curso a ciência das Letras. A mais complexa sofisticada e libertadora ciência, também a mais menosprezada e, como tal, a mais banal. Mas, Deus, como eu peço no desinteresse da mente, na voz chiada do autofalante e do meu livro digital. Se soubesse Bakhtin o quanto eu me disperso com seu vídeo em câmera frontal, de duas horas, alta resolução dialógica, talvez eu perdesse toda a bênção sociológica.

Estaria rindo de mim o Caio, aluno meu, de sete anos na época, que, virava e mexia, dormia nas aulas dos conteúdos programáticos que nem eu aguentava ensinar. Mas eu ainda gosto do meu curso, por mais que ele e meus professores me matem aos poucos com essa saudade de ver aquela loira, a coisa mais linda, apertando seus óculos meio ao rosto, meio sua expressão verbalizada, enquanto discursava toda a teoria do enunciado, condição de produção pro meu coração.

Eu sou apaixonado, mas sempre fui galinha com a ciência. Estudo um povo que fala difícil, mas adoro uma rima pobre. Aliás, eu ainda amo o que faço. Meu sonho é escrever. Quero escrever de tudo, de ciência da linguagem à ciência do coração. Artigo, bilhete, discurso, bate boca, poema, fofoca, denúncia, carta de amor, quero escrever meus lábios no tempo e beijar todo mundo que me ler. Eu sou galinha que cisca em todo verbo.

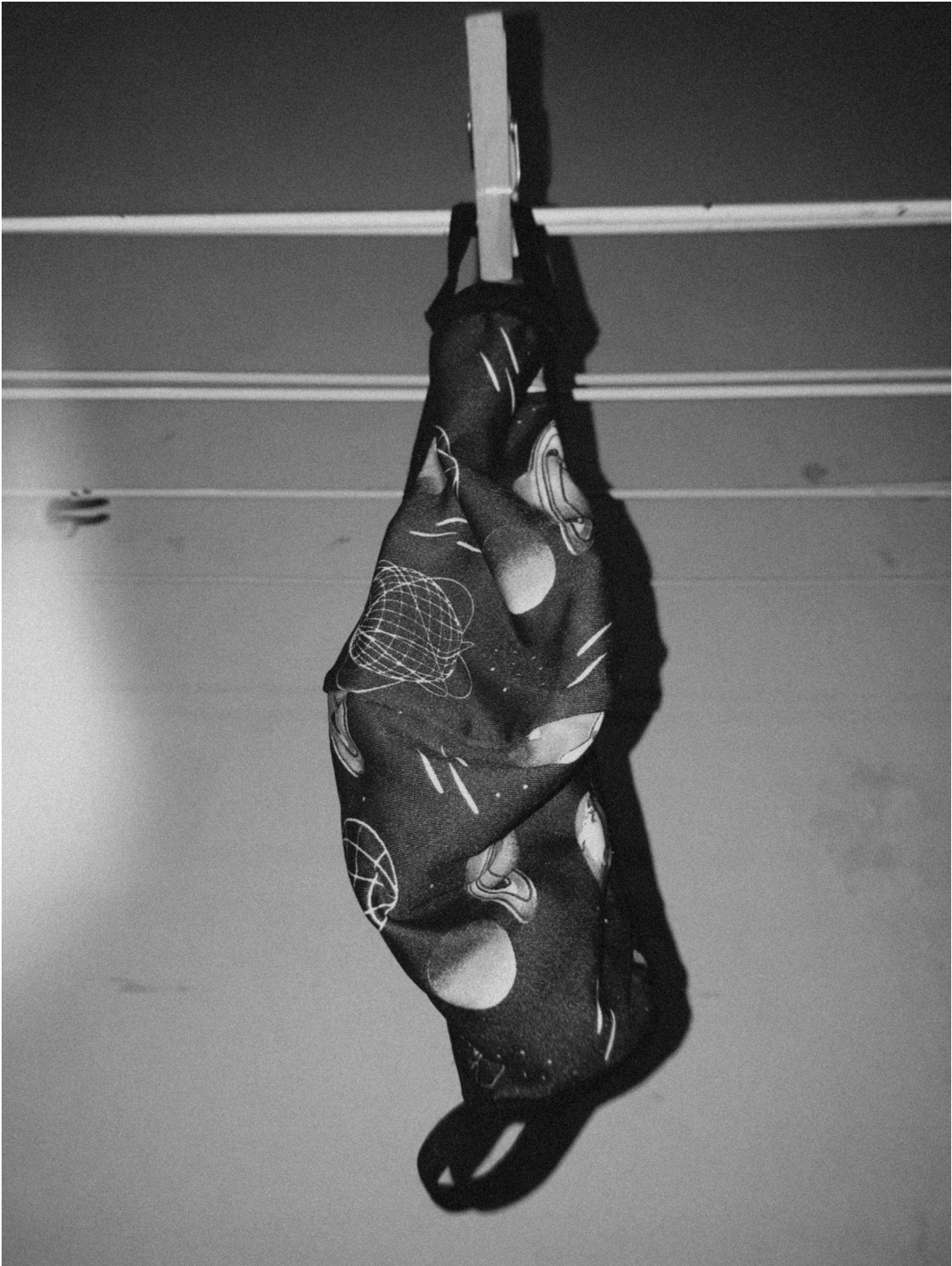
Comecei a ciscar para valer recentemente. Ôh, decepção. Escrever não é para ninguém em nosso mundo. Só para aqueles supra-humanos que são autorizados e tem concedido o acesso à área *vip*. Senão é fome!

De fome eu entendo. Entendia quando achava ela nas minhas crianças. Entendo quando tenho fome de interesse pelo meu aprendizado. Sinto fome de sonhar quando vejo que não há esperança para gente como eu. E eu sinto fome de carinho, que minha família nunca me deu.

Penso coitados de nós jovens e também penso coitadas de nossas crianças. A resposta por fim é a mesma do começo: estamos há um ano presos dentro de nossas casas com a família, instituição falida. Falta amparo, falta compreensão, falta limite e falta apoio, também falta carinho. Dai sobra o desprezo, sobra a cobrança, o estresse e sobra a doença na nossa cabeça.

Os professores de pessoas da minha idade não percebem, mas estamos tão sujos quanto aquelas crianças de seis anos. Estamos do mesmo modo mal alimentados de perspectiva. Somos mal criados, pois a vida também é e, como uma criança mimada que não sabe dividir, ela arranca cada oportunidade nossa. Toda a geração é igualmente má acostumada, porque é o despreparo o que há no seu DNA. A família é o começo do mundo, mas também é o fim.

O que fizeram com a gente?



## POEMA EM LINHA RETA

Quando nasci, o anjo torto era eu, e nada sabia ou podia dizer a meu respeito.  
Alguém disse por mim.

E eu me formei das palavras com as quais me disseram.

Aquela era eu porque assim devia ser  
e fui

porque não se podia [me] dizer de outra maneira

porque todas as pessoas com as quais eu cruzei  
pareciam ainda conter um pedaço disso que sou.

E elas eram elas e eu era uma soma delas que também era eu

E elas eram delas

E o mundo todo, do seu modo, era meu

Ou daquilo que não era e nele me expressava

porque todos repercutiam e existiam e reeditavam-se uns nos outros.

Nunca sujos, porcos ou sem paciência. Mas também muito pouco campeões.

Gente normal

Dessas que tem história mas nem sempre tem vida.

Gente que tem vida mas não entra pra história

porque a gente só escreve sobre os poucos campeões.

E desses não tem nenhum.

Se me perguntam onde há gente nesse mundo, digo:

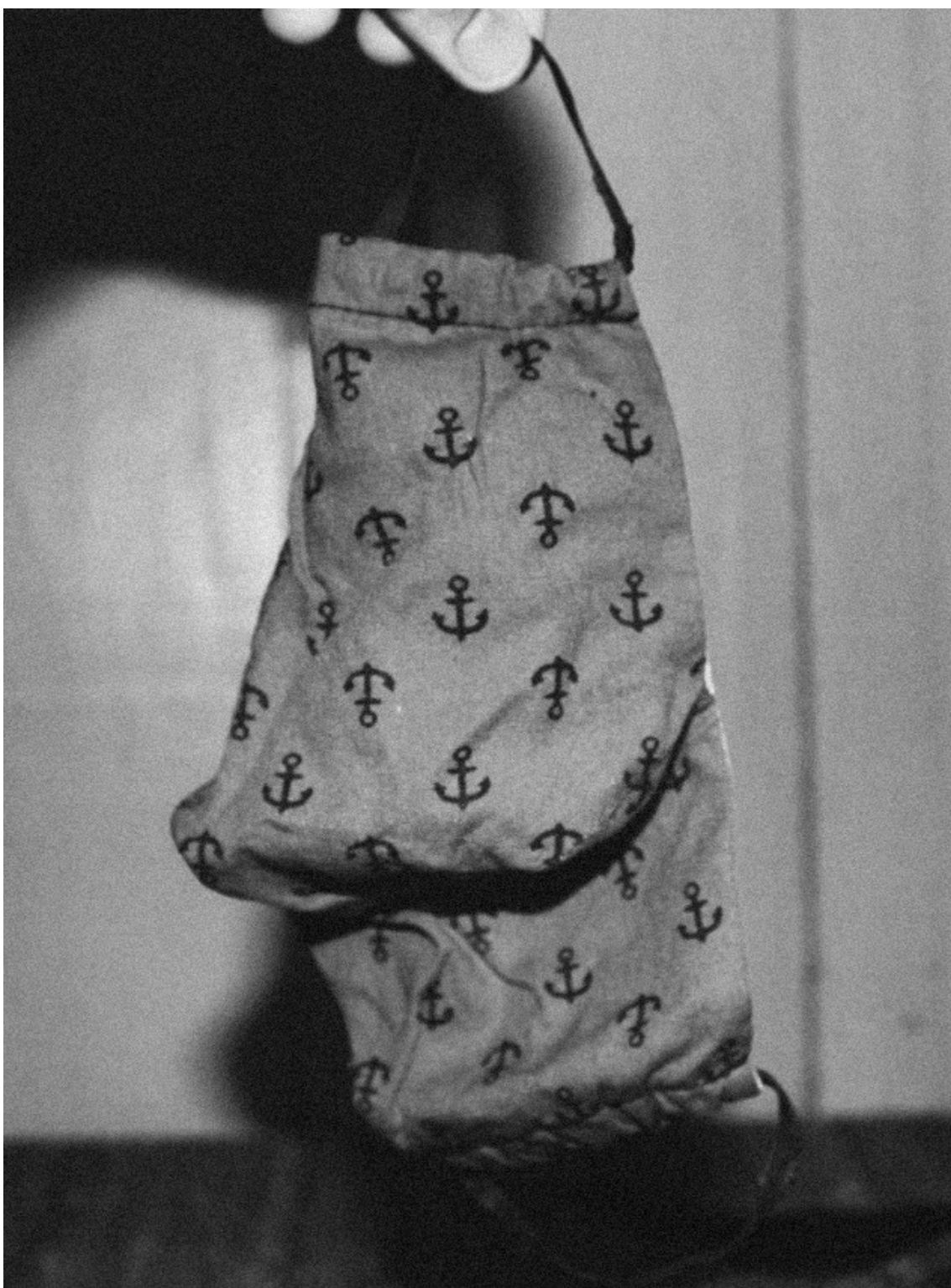
em mim!, no mosaico que sou e nos fragmentos de mim que constituem os outros.

Todos pequenos semideuses.

Todos flutuando em suas individualidades feito ilhas banhadas por um oceano em  
comum.

Um oceano de nós.

Me formei em metalinguagem e hoje sou apenas silêncio.





## CASULO

Eu, que sempre busquei  
Trancar-me  
Em meu pequeno mundo particular.  
Sempre ansiosamente esperando  
Retornar ao desconforto de minha velha armadura,  
Nunca imaginei que sentira falta das multidões,  
Das vozes, e dos barulhos  
Vociferantemente cotidianos.  
Eu sinto falta de um mundo em que talvez eu não sobreviva para conhecer  
Novamente.  
Eu luto.  
Luto comigo mesmo para tentar permanecer no presente, no agora.  
Luto comigo mesmo, luto com meus demônios internos.  
Luto para sobreviver às saudades, vontades e amores que explodem no peito.  
Eu sempre tive problemas com distâncias,  
Sempre sendo afetado por elas.  
E agora, mais do que nunca.  
O olhar na tela  
Nunca substituirá  
O olhar nos olhos, um aperto de mãos,  
Um abraço apertado.  
Não sei o que será do futuro,  
Não sei o que me espera amanhã.  
Eu tenho o péssimo costume de criar mundos irreais em minha mente,  
Mas sei que expectativas são facilmente destruídas pela realidade,  
Falsas esperanças inspiradas em belas histórias fictícias.  
Mas eu sempre gostei da esperança.  
A vida sempre trata de nos dar pancadas para nos lembrar da inconstância das  
coisas.  
Para nos lembrar que  
Nada é permanente.  
O ser humano sempre acaba se perdendo através da história.  
Há saberes tão antigos que acabaram sendo esquecidos nas areias do tempo,  
Que permanecem nas mãos de poucos.  
Saberes que tornariam o mundo melhor.  
Estar isolado de tudo e de todos  
É como adentrar em um  
Casulo.

Eu não sei que espécie saíra dele,  
E nem sei se irá sobreviver.  
A metamorfose está em constante mudança.  
A vida é uma licantropia  
Sem fim.  
Uma constante transformação.  
Uma constante luta do homem contra o seu lado  
Bestial.  
Luto comigo mesmo para permanecer no presente.  
Luto para vencer meus próprios demônios.  
Luto para vencer o lobo negro.  
Eu espero que muitos estejam fazendo o mesmo,  
Para, talvez, podermos deixar um mundo melhor para futuras gerações.  
Talvez isso não passe apenas de um clichê,  
Uma ilusão.  
Mas eu sempre gostei da esperança.  
Talvez, ainda dê tempo para salvar  
Esse planeta.  
Há sempre tempo para a evolução,  
Há sempre tempo para a transformação.  
Viver é  
Transformar-se.

## ESTILHAÇOS

Nesta pandemia aprendi a admirar os abraços  
Aquele aconchego do lar, sozinho não  
me cria laços  
A alegria das festas, feiras, festivais  
A Passada na casa dos amigos reais

Digo que o tempo voa  
Digo que estou cansada  
Digo tudo, mas é a solidão quem entoa

Cinto que aperta, desde a barriga até o peito  
Olho para mundo e penso: não tem jeito  
Virei, por culpa do fado, um artefato da dor  
Uma amпуlheta quebrada  
Feita em

E t lh o  
s i ç a s





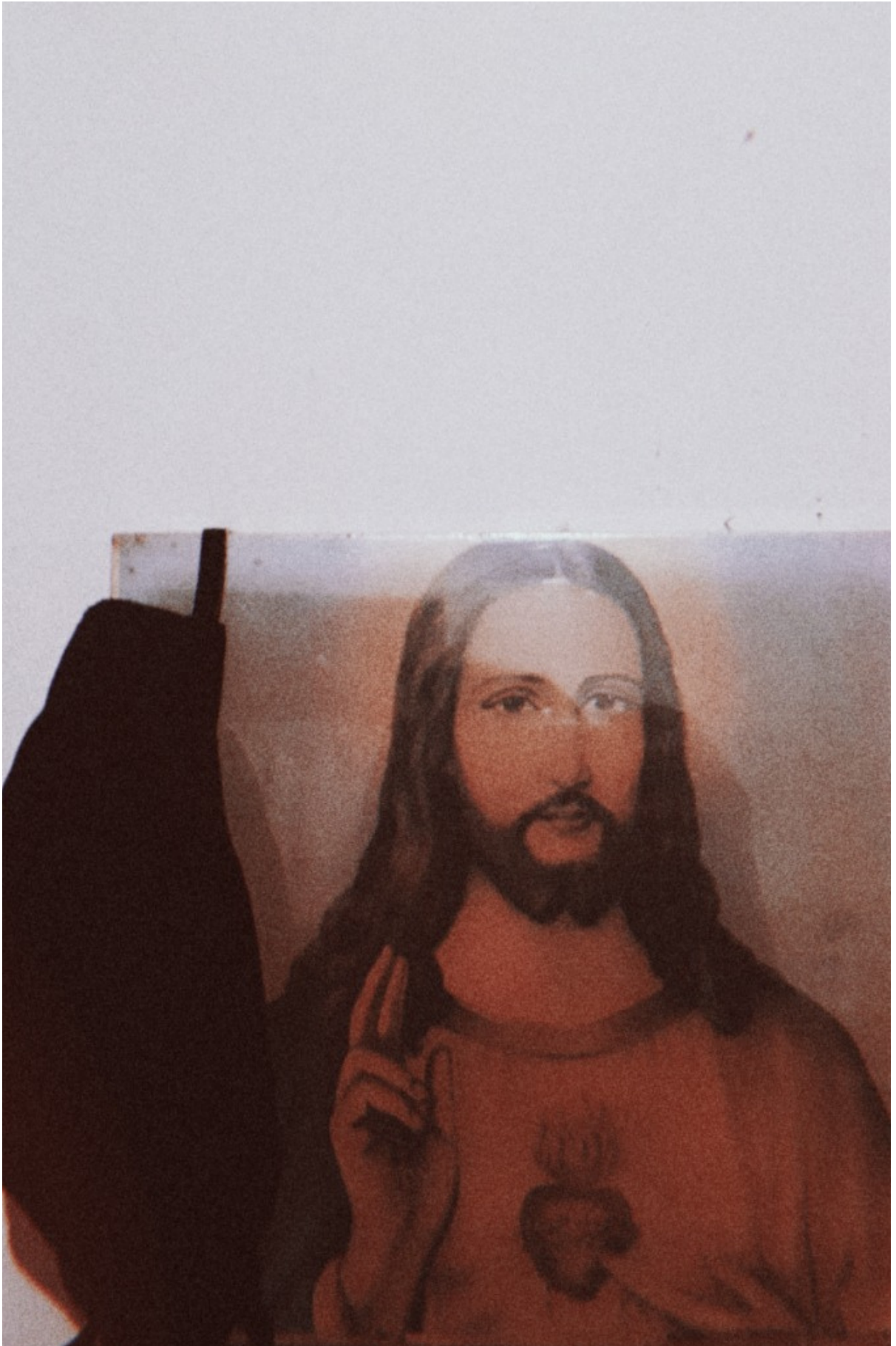
## RESPIRAR

Eu aguardo o dia  
Em que poderei sair por aí  
Sem medo de me molhar  
Nessas tempestades sombrias.

O dia em que poderei  
Respirar tranquilo,  
Ver de novo os  
Sorrisos.

O dia em que poderei  
Jogar conversa fora  
Com pessoas amigas.

Eu aguardo o dia em que  
Poderei conhecer tudo,  
De novo.



## ONTEM PASSEI A NOITE ACORDADO

Ontem passei a noite acordado, por motivos lunares.

Respiro um silêncio quase perpétuo, que não demora muito e é repicado pelo barulho das motos, dos carros e, até mesmo, um caminhão.

Velozes, potentes, pareciam pegar a noite pelas beiradas, igual uma manta velha que está prestes a ser rasgada ao meio para esfregar o chão.

No chão, a borracha rastejava o asfalto, denso, como se pudesse estourar a brita. Um quilômetro, um minuto, mas a demora é um insulto, cem milhões novecentos e setenta mil e quarenta e três milímetros por hora.

A Ópera entrava em ebulição com os sopranos derrapados dos pneus, a buzina cantava "filha da puta". Até que se batem os pratos aos milhões lá atrás. E o público, emocionado, se ergue ao som do alarme que grita sua glória na arena. Mas a única que chora é a Dona Hermina, lá da Alvorada, vendo que seu neto se extravasou pelo chão.

Ontem foi um, hoje serão dois. A ambulância avisa que não conseguirei contar. Mas isso não é novidade, não há cama em hospital e se há leito é para a morte. Porque morrem e não param de morrer. Batida de carro ou insuficiência respiratória. Fogo em Mato, mas não importa se é eleição, mas votamos conscientes e nesse ano teve jovem "chamando atenção", no meio da escória política da aglomeração ou no meio do asfalto, morrendo alienado, mais um sem salvação.

Veloz, assim é a mente de gente jovem, mas quem escutaria um velho dizer que é assim que eles morrem. Agora, Dona Hermina parou de chorar. Ela está sentada no meio fio. Tem moradores do prédio da frente. A cena vermelha amarelada à luz do poste. Há lixo no canteiro da rua e a roda dianteira da máquina foi parar lá junto. Vejo tudo da janela. No meio do céu, a Lua também começa amarelar com o Sol da manhã, pronto para raiar em duas horas. Ela nunca mais será a mesma.

Com um enredo assim é de se pensar que moro na beira da estrada, Rodovia da morte.

Ah, quem me dera pudesse fazer da estrada o meu lugar.

Mas não. Eu moro no centro de Campo Mourão, onde fica o bom cidadão, é na frente da igreja o meu lar.

E falando em lar, enrolei tudo isso apenas para solicitar:  
Silêncio, para que essa noite eu possa cantar.

E eu cantei.

E eu me sento na janela  
para conversar com ela  
Lua minha, de olhar assim, Donzela  
Se estou aqui, te espero na janela  
Se quiser me pede,  
mas vou casar com ela  
Doce Lua, assim  
tão bela

Solene, meu amor  
Donzela

Magia vem  
e ela me namora  
Aqui ela não demora  
Me beija sabor de amora  
E então ela vai embora  
Só antes me namora  
Se vou no teu encanto  
talvez eu vá embora

A morte é esmola  
e ela não demora  
nem vai embora  
Ela está aqui  
Ali  
Em mim, em você,  
Um dia iremos  
Agora

Mas se a vida é assim  
a nossa é história

Doce Lua canta  
na minha memória

# *2. CAPÍTULO*





## BIOGRAFIA

Sou Karina Brito Madeiro, nasci em 13/04/1999, Umuarama, PR.

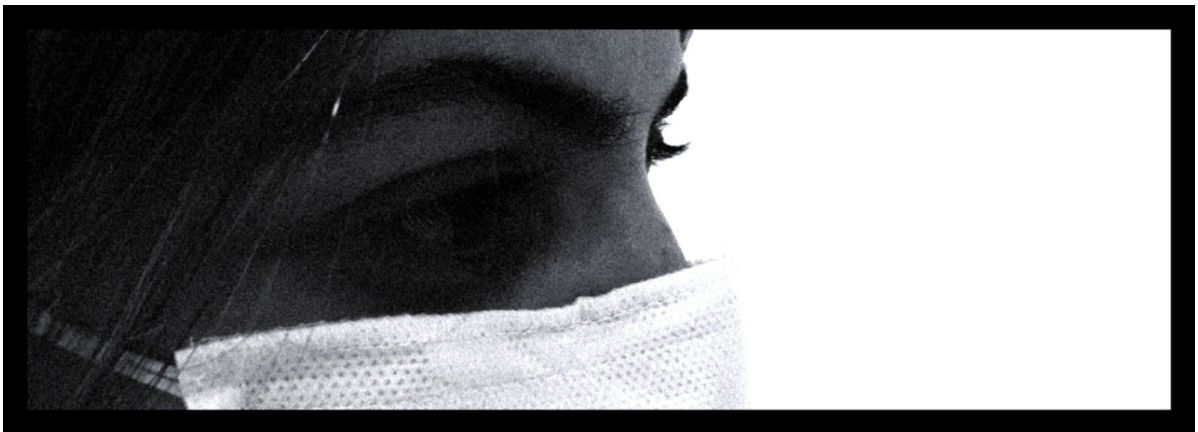
Estou no terceiro ano do curso de Letras da Unespar – *campus* de Campo Mourão. Terminei em 2017 o curso de Formação de Docentes (Magistério) e, neste mesmo ano, lancei meu primeiro livro “Segredos da Vida”.

Desde muito nova tive o incentivo pela leitura, e com isso veio o gosto por escrever. Tenho até hoje alguns livrinhos que escrevia quando pequena, com as folhas sulfites dobradas ao meio. O papel em branco para mim era e é onde eu podia e ainda posso me expressar sem ser julgada, falar sem medo, demonstrar o que sentia/sinto sem arrependimentos.

Essa quarentena me mostrou pontos positivos e negativos da sociedade e de nós mesmos. Enquanto estamos presos em nossas casas, conseguimos reparar com mais detalhes o nosso dia-a-dia, nos aproximar e dar valor a quem está ao nosso lado. Mas por outro lado, vemos o valor da vida e de um abraço (o quanto é cruel nos privarmos disso: encontros, debates presenciais, sentirmos a expressão viva no rosto das pessoas). Vimos o retrato de uma sociedade doentia, que nem sempre liga para casos (de fome, violência, doenças fora de suas famílias).

Tudo passou a ser por meio da tecnologia. Muitas pessoas ficaram sobrecarregadas e outras já sem nada... Eu gosto de pensar que estou utilizando esse tempo para me expressar em meio ao caos.

Agora entendo o porquê de existir um ditado: “Dizem que toda pessoa deve plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro”. Realmente, escrever é libertador, principalmente em uma época como essas. Enquanto estamos em casa, rodeados de más notícias, podemos apreciar com mais detalhes os prazeres da vida. Muitas coisas se tornaram mais trabalhosas, exigentes; por isso temos de nos agarrar a todas as coisas que nos fazem bem. E a escrita é uma delas!



## PEQUENOS DETALHES

O chá já estava pronto. Segurei a caneca entre as mãos frias, cobertas por meu casaco de mangas tão longas, que pareciam não serem minhas. Fui até a janela e subitamente abri uma e depois a outra cortina. Fiquei a observar aquele preto avermelhado que o céu trazia naquela noite. Fechei os olhos por alguns instantes. Aquelas gotas que vinham tímidas, mas logo iam apressando os passos.

Ouvi... Escutei... Apreciei cada momento...

Abri os olhos lentamente como quem acaba de acordar. Escorei a cabeça na parede, de modo que pude apreciar aqueles lindos clarões que vinham de cima a baixo. Tão perfeitos, tão bem desenhados! E a cada um que descia com precisão, encostando rapidamente na terra e voltando para dentro as nuvens, trazia consigo uma música diferente para os ouvidos.

Alguns mais altos, outros mais baixos e até mais distantes...

Pude ouvir as rajadas de vento ousadas, que tentavam passar pela fechadura da janela...

Inclinei levemente a cabeça e fiquei a observar os pontos pretos, obrigados a pegar os automóveis públicos superlotados. Olhei mais uma vez para as pessoas que se aglomeravam para conversas sem necessidade. O valor da família, o valor da vida, não foi percebido por todos. Muitos ainda não tiveram que sentir, para então parar e refletir. Do terceiro andar, pude ver aquela gente tão fria, sem emoção, despreocupada com a vida e preocupada com o tempo.

Tempo!

O que é o tempo? Se não somos nós que fazemos o tempo, quem o faz? Não entendi como não apreciar aquelas pedras que caíam junto com as gotas dançantes!

Dei um gole no chá já morno, respirei fundo e agradei por aquele simples e singelo momento.

Luz acesa, uma folha em branco, um lápis sobre a escrivaninha. Coloquei a xícara de lado e percorri meus olhos no vazio branco da folha. Desenhos, por que não desenhar?! Há quanto tempo não desenhava?! Segurei firme o lápis e permiti que o grafite dançasse sobre a folha.

Saudades da infância... um barulho perturbador me desliga de meu passeio interno, aquele alarme colocado para as exatas horas. Aula! Hora da aula. Luz, internet, fones, microfones, câmera, computador, celular... olhos pesados, mente esgotada, sono...

Um novo dia, novos afazeres, novo modo de reinventar a vida sem sair. Cabelos libertos, sem julgamentos, só eu e meus cachos livres dentro do apartamento, só eu e meu uso livre das roupas, só eu e meus seios respirando sem me preocupar com olhos desconhecidos...

Na cozinha, começa mais uma rotina...

Aquela bebida tão maravilhosa e surpreendente! Oh, como amo! Tem que ser quente, muito quente. O barulho da água fervente realizando a transformação daquela semente torrada e moída, comprada e colocada delicadamente no recipiente adequado, preferencialmente de pano. O barulho das gotas caindo na caneca, como as gotas de chuva. O perfume já inunda toda a casa, todos já sabem o que está sendo preparado... Ele, preparado bem forte. Forte. Quase nada de açúcar, só o suficiente para não dizer que não colocou... Da caneca para próximo aos lábios, que se juntam para indicar que a bebida está muito quente. Um gole. Olhos fechados, enquanto o líquido preto desce pela garganta, esquentando tudo o que há de humano por dentro. Até mesmo o coração...

Bebida às pressas por muitos, à lentidão por outros, por aqueles que apreciam, e pelos que se veem obrigados a beber para se manter acordado... não importa a condição, sua marca registrada ele sempre deixará...

Na sala, televisão desligada para não estragar o bom humor dos raios luminosos que passavam pelas brechas da cortina mal fechada. Permito de uma só vez que o calor entre e aqueça toda a casa.

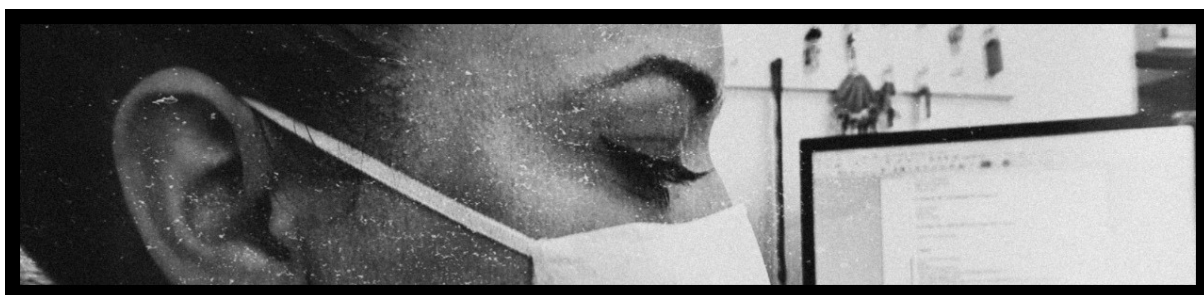
Os pássaros, tão próximos, mas tão distantes... como nunca tinha parado para reparar em seus ninhos que estavam ao lado de minha janela?! Tão livres, felizes, com sua singela música encantando os ouvidos e acalmando o coração. Um bater de asas, um sair de casa, voar... Nunca percebemos o valor que é voar até serem cortadas as nossas asas.

Em um dia estávamos livres e no outro não podíamos mais sair de casa. Tantas notícias, tantas mortes, tanta tristeza no ar. Presos em nossas gaiolas começamos a reparar mais em detalhes não percebidos... o canto do pássaro, o sabor da comida, o ter comida...

Percebemos o valor do afeto, do abraço... o valor da vida...

Vou até o computador. Mais notícias quase nada boas. Mais mortes, mais abusos, mais vidas que se foram.

Uma folha em branco, é isso que preciso! Colocar minhas ideias no papel, refletir, indignar-me!



## BEGÔNIAS, BEGÔNIAS VERMELHAS

Ao lado da estrada, um canteiro. Não um canteiro qualquer, um canteiro lindo e espaçoso, repleto de flores e arbustos. Ali nasceu a Begônia, depois de muito lutar para alcançar a superfície, ao som de palavras orgulhosas e alegres das flores maiores, que esperavam sua chegada ansiosamente. A tranquilidade acompanhou a Begônia até suas primeiras flores vermelhas surgirem, foi então que as coisas mudaram.

Era dia de céu azul quando alguém a tirou de seu canteiro colorido para realocá-la em um canteiro menor e suspenso.

Mesmo confusa com toda a mudança, a Begônia observava seu entorno. Ao seu redor, no mesmo canteiro suspenso, várias plantas tagarelavam animadas com sua chegada. Atrás de seu novo canteiro uma janela ampla deixava os raios do sol abraçarem gentilmente suas folhas. Uma porta bem grande ficava a sua frente, a brisa suave que sentia sempre vinha dali. Armários grandes tomavam conta de todas as paredes que conseguia enxergar, dentro deles nada se via a não ser pelos pratos na única portinha de vidro. Era um lugar agradável e, apesar de completamente novo e desconhecido, a Begônia sentiu-se reconfortada e logo se acomodou em sua nova vida.

Durante o dia, a rotina da Begônia era sempre a mesma: acordava com aquele alguém espiando-a de perto, sua atenção voltada aos cuidados que ela precisava. Ela apenas acompanhava seus movimentos calmos e cuidadosos, remexendo a terra ao seu redor, deixando-a mais macia e confortável; revirando suas folhas em busca de qualquer sinal preocupante e, logo em seguida, soltando a respiração presa quando constatava que ela estava mais saudável do que nunca; removendo as pétalas vermelhas que se soltavam e caíam perto de seu caule, pouco a pouco, reservando-as em uma tigelinha branca; cantarolando para ela, enchendo-a de alegria enquanto respirava o ar fresco da manhã; Fazia isso também com suas vizinhas, que se deleitavam com os cuidados assim como ela. Logo depois o Sol surgia em sua imponência matinal e a envolvia com seu abraço quente, enquanto as amigas, fora do alcance dele, conversavam entre si, ansiosas com o dia em que poderiam elas também se aproximarem mais da janela.

À noite, porém, quando o Sol se punha para descansar e sua luz refletida na lua se tornava tão fraquinha que mal chegava até seu canteiro, a Begônia olhava ao seu redor inquieta, tentando compreender as inúmeras formas que via. As plantinhas que lhe faziam companhia, conversando e rindo descontraídas o dia todo, ficavam imóveis à noite, escondidinhas em suas folhagens de maneira que pareciam nem estar ali;

os grandes armários pareciam-lhe monstros enormes, com olhos esbugalhados sempre à espreita; a porta, por onde entrava uma brisa calmante durante o dia, à noite conduzia barulhos intimidadores que pareciam vir de todos os cantos da casa; a janela atrás de si exibia uma paisagem vazia coberta de azul; a Lua, com suas crateras expostas pela luz, parecia mandar um aviso; por horas a Begônia ficava absorta em seus medos e não conseguia descansar, mas quando via o céu começando a brilhar, as cores emprestadas pelo sol, ela se acalmava e caía no sono dormindo tranquilamente, logo suas companheiras voltavam e seu dia calmo começava.

Depois de uma dessas noites apavorantes, a Begônia acordou mais tarde que o normal. Um incômodo a fez olhar para seu caule, havia folhinhas machucadas ali que não haviam sido tiradas, então ela mesma deu um jeito de arrancar antes que o incômodo se tornasse maior. Perguntou, em seguida, às suas vizinhas se aquele alguém também havia esquecido de retirar suas folhinhas amareladas. Sem resposta, contudo, ela finalmente percebeu que todas elas haviam desaparecido. Um barulho estridente atravessou a grande porta e chamou a atenção da Begônia que, paralisada, olhou para ela, observando a sombra que se movimentava no outro cômodo, cada vez mais próxima. Era aquele alguém, estava logo ali, indo de um lado para o outro com suas vizinhas nas mãos, vez ou outra deixando uma delas em mesinhas, cuidando delas, tirando as folhinhas amareladas com o mesmo cuidado que costumava ter com ela. Desse dia em diante, contudo, esse alguém não cuidou mais da Begônia, de vez em quando ainda atravessava o cômodo durante o dia, passando pela porta grande, mas parecia não se lembrar de que deixara a Begônia ali, no mesmo canteiro suspenso de antes.

Sem as visitas diárias e sem as vizinhas por perto, a Begônia passou a ocupar seus dias cuidando de si mesma. Sem nada mais para fazer, ela retirava, gentilmente, bem devagarzinho cada folhinha machucada da terra próxima ao seu caule, empurrando-as o máximo que conseguia, para manter seu entorno sempre limpinho e bonito. Contudo, por mais que tentasse se virar sozinha, sem aquele alguém para lhe ajudar, suas folhinhas pareciam cada vez mais cair, até mesmo um botão novinho ficou todo machucado e ela precisou tirá-lo de seu caule, as encolhidas petalazinhas vermelhas tornaram-se marrons e murchas.

A noite era o momento mais temido, agora que não tinha mais as vizinhas e a tão esperada visita toda manhã, as sombras pareciam demorar mais para ir embora. Ainda assim ela se esforçava para ficar calma e dormir bastante, pois retirar as folhas machucadas sozinha era bastante cansativo. Por mais desgastantes que seus dias tivessem se tornado, aos poucos, a Begônia aprendeu a lidar com eles e logo ela mal se lembrava que, um dia, havia tido outras plantas no mesmo canteiro, conversando alto e rindo felizes.



Foi então que mudanças mais drásticas aconteceram. Um dia, a Begônia acordou com o sol esquentando suas folhas, sentindo um incômodo forte no meio de seu caule, ao olhar para baixo se deparou com um ramo de folhas machucadas que, rapidamente, ela retirou. Assim que o fez, ouviu um barulho diferente vindo do cômodo da frente e, de ímpeto, olhou na direção daquela porta grande buscando o gerador daquele barulho. Não encontrou a porta, contudo. Assustada, esticou-se o quanto pôde para ter uma melhor visão do chão e, lá embaixo, com a largura e altura de uma portinhola de animais, estava a porta grande que costumava ficar na sua frente, agora tão diminuta que não conseguia ver mais nada do outro lado. O barulho continuou e ela ouviu arranhões na portinhola, mas não podia mais continuar se esticando para enxergá-la, o lugar do ramo de folhas arrancadas doía demais. Assim ela permaneceu estática, esperando o barulho parar.

Cansada e com dor, a Begônia adormeceu ainda durante a tarde, o Sol queimando cada folha sua, algum tempo depois, foi o que a acordou. Onde estavam os vidros daquela janela? Nos armários à sua frente, os olhos redondos e brilhantes de um gato observavam ela, curiosos. Ele caminhou pelos longos armários, ao redor de todo o cômodo, devagar, parando vez ou outra para farejar cada cantinho, e não demorou muito para chegar ao canteiro da Begônia. Ali, revirou a terra e se deitou por alguns minutos, esfregando-se, como se marcasse território. Logo mais, porém, cansou-se disso e voltou sua atenção à Begônia que, imóvel pelo medo, apenas encarava-o silenciosamente. Ele aproximou-se, enfiando seu focinho entre suas folhas, cheirando-a, neste momento ela pôde ver que em suas patas haviam vários pedacinhos de folhas verdes, saudáveis. Então, ainda absorta pelo medo, a Begônia começou a sentir golpes em seus ramos, o gato lhe acertou várias vezes, derrubando folhas verdinhas e, quando enjoou de fazer isso, voltou a se esfregar, dessa vez, no caule da Begônia. Fez isso com tanta força que suas raízes se soltaram da terra recém revirada e ela foi arremessada janela abaixo.

Um solo macio e úmido foi o que parou sua queda. Lá no alto o bichano a observava. Voltar para seu canteiro não era mais uma opção, então a Begônia tentou ajeitar-se ali como pôde, mas não tinha muito a ser feito. Ao seu redor havia apenas a enorme parede de onde caíra e terra, muita terra. A paisagem azulada que tanto a assustava antes era agora o seu canteiro.

Isolada, os dias da Begônia se arrastavam tanto quanto as noites. A não ser pelo gato, constantemente à sua espreita na janela, não havia nada para se observar ali, não havia barulho nenhum, não havia brisa, não havia outras plantas, não havia aquele alguém e nenhum outro alguém, apenas ela e o Sol encontravam-se ali. De dia, a terra quente queimava suas raízes e o Sol suas folhas. Ocupava-se retirando as folhas machucadas, mas elas eram tantas agora... cada dia exposta ao Sol lhe custava vários ramos inteiros, cada noite exposta ao silêncio e ausência total lhe custava a paz que costumava sentir em seu antigo canteiro.

Um dia como qualquer outro desde a queda. O Sol começou a brilhar lá longe, a Lua ainda sussurrando no céu alaranjado, a Begônia já retirando folhas machucadas. Quando terminou, ao invés de a tranquilidade tomar seus pensamentos, o desespero foi o que surgiu, olhando para baixo notou que cada pedacinho do seu caule escorria, lá em cima, perto de sua única flor intacta, um último raminho de folhas verdes permanecia. Lá embaixo, ela queimava agressivamente; o gato não se movia, permanecia lá no alto da janela observando-a atentamente; As pontadas em seu caule se intensificavam, seu único raminho verde ardia à luz do Sol que brilhava forte o dia todo, imponente, enorme, intimidador, queimando, amedrontando. Já cansada de resistir, ela esperava ansiosamente a chegada da Lua, mas a dor nas feridas em seu caule só piorava com o passar do dia, o Sol continuava ardendo em suas últimas folhinhas, agora já quase completamente amareladas. Um rápido olhar em direção à janela, um encontro com o olhar vidrado do gato e a escuridão tomou conta da Begônia, a flor vermelha restante, despedaçada ao redor de seu caule; o raminho de folhas verdes, agora totalmente amarelado, se despedaçando no ar durante o caminho até a terra macia e quente; um olhar marejado para o Sol imponente; o último raio de luz sentido em suas feridas abertas, enquanto ela se fechava.



## A MORTE DA ...

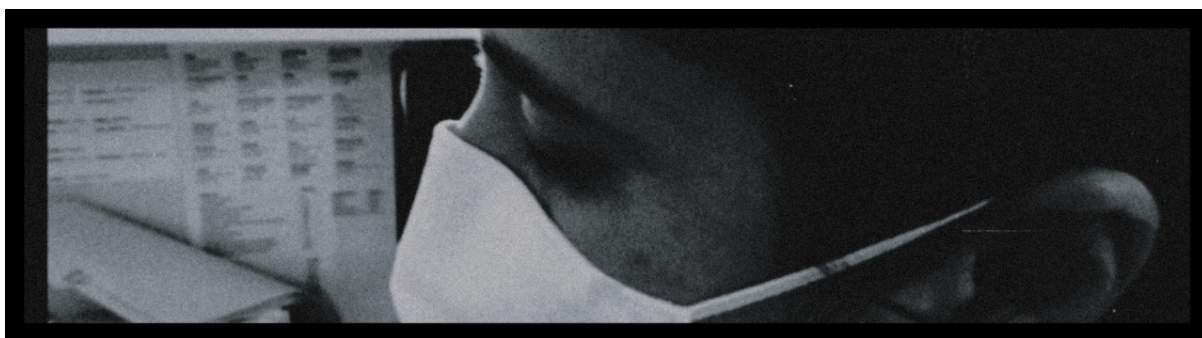
... meiga andava pela rua, corria. corria. muito. Pensaram que fosse perder o ônibus, mas não sabiam que a ... perdia na próxima esquina a sua vida. Por causa do coronavírus. Tal vírus é letal, mas não era capaz de esfaqueá-la pelas costas, como o vetor agressor fez.

Dizem que essa doença é conhecida antiga de sua vítima, todavia parece que as pessoas não queriam acreditar que aquele vírus era fatal, diga-se de passagem. ... jovem faleceu pelo coronavírus, no entanto não de coronavírus.

Um contexto sombrio, em que ... amável sorria em estar em casa com o seu influenza que lhe roubava o direito de respirar. Ele dizia palavras belíssimas, porém seus tapas e empurrões eram penosos. Pensativa ... tentava acreditar no que a sociedade lhe dizia: "Não se deixe abater, crises no casamento são como uma gripezinha, logo passam!"

Com a quarentena, ... amorosa e fiel foi acusada de traição só por usar muito o celular. O álcool em gel que estava sobre a mesa foi atirado em sua face, ali surgiu uma queimadura profunda.

Cansada e machucada ... tentou fugir, correu. Gritou. Todas as máscaras que usava serviram para abafar seu choro, não pôde entrar nos bares e lanchonetes para despistar, já que estavam fechados. Quando recebeu o primeiro golpe, caiu no solo duro e frio, o assassino desapareceu como gotículas no ar. Levaram ... para o hospital, os médicos não puderam salvá-la, parte das vagas eram destinadas à Covid-19. E o restante eram ocupadas por tantas outras ... que foram privadas do direito de se afastar daquele vírus . Então ... meiga morreu.



## APOCALIPSE

Aqui de dentro, em segurança, escuto o mundo acabar lá fora. Há barulho, bombas, um cheiro ruim, sei que coisas estão desmoronando. Não quis ficar para ver. Verifico o celular: ainda tenho algumas horas de bateria e dois *e-books* já iniciados que posso continuar a ler se o tédio chegar. O único alimento ali é um chiclete esquecido no bolso do casaco. Vou comer, faz anos que não vejo um chiclete. Preciso apenas me acostumar com a solidão. Escuto barulhos, há alguém arranhando a porta e isso me assusta. Verifico as trancas, faço ainda mais silêncio, chego a prender a respiração. Pode ser um animal faminto. Ou uma pessoa sem direção. Eles sabem que eu estou aqui. Posso ver as sombras pelo vão da porta, não sei quanto tempo conseguirei me manter. Resolvo ver as notícias. Nada é bom. Epidemia, pandemia, morte, suicídio, abuso, dor. O apocalipse dentro e fora de nós. O espaço parece cada vez menor. Preciso respirar. Talvez ver um vídeo de um gatinho feliz, de uma época tranquila... Torço para que o sinal de internet fique estável. Nessas horas, além do preparo, preciso também contar com a sorte, preciso que, lá fora, eles tenham se distraído e me esquecido. Oh deus, como eu queria ser esquecida ali! Não, não posso perder o foco. Tenho que aproveitar o momento, rever estratégias, talvez listar as prioridades, sei que uma hora esse lugar não será mais seguro, eu precisarei enfrentar o mundo e preciso estar preparada. Choro só de pensar. E choro baixinho, porque de fora eles podem me escutar e vão tentar controlar até as lágrimas. Seco os olhos. Preciso ser forte. Preciso ter coragem, me preparar. Talvez se eu tivesse alguma armadura... Talvez se eu tivesse alguém para me ajudar. Escuto buzinas. O caos se instaura. Ouço latidos e SEI que os animais estão famintos. É quase hora do almoço. TODOS devem estar famintos. Devem estar procurando por mim. Olho o relógio: só se passaram seis minutos, meu deus, como eu queria que fosse mais, precisava que fosse... queria dormir aqui, mas não tem espaço, o chão é frio. Resolvo apenas me alongar. Li em algum lugar que yoga melhora a concentração, nunca tive tempo de tentar, é um desses arrependimentos que a gente carrega e sabe que, se as coisas melhorassem um pouco, quem sabe eu pudesse mesmo fazer... Sei lá. Será que esse estalo nas costas é normal? Pensei que daria câimbra, mas as fugas de todo dia talvez tenham me feito mais resistente, mais resiliente. As buzinas soam mais altas, eu sei que eles se aproximam e vou precisar sair, vou precisar correr... Vejo o trinco se mover. Dou uma última olhada no espelho, como se dentro do meu reflexo buscasse forças para encarar a luta que se seguiria. A luta chamada rotina. Jogo o papel no lixo e dou descarga: - Estou aqui no banheiro, filho. Avisa o papai e seus irmãos que o almoço já vai sair.



**FUCK YOUR FEELINGS**  
**FUCK YOUR FEELINGS**

**FUCK YOUR FEELINGS**  
**FUCK YOUR FEELINGS**

## ATRAVÉS DO RIO

Num lugar distante, onde o tempo é irreal, oculta no vazio, ela permanece. Consumida pelos desprazeres da vida, escondeu-se na escuridão, ignorando a realidade. Convencida de que nada a abalaria, decidiu isolar-se, dentro de si.

Ela pensou que estaria a salvo, presumiu que estaria protegida, não apenas ela, mas todos os outros. Considerou que, se fosse possível salvar-se de si, os outros não seriam contaminados pelo seu temperamento radioativo.

Com um corpo físico subjugado a um mundo enfermo, valeu-se de uma razão para continuar viva, mesmo que para isso tenha coabitado com o caos. Não é difícil seguir por um caminho que não leva a lugar algum e, nesse sentido, o caminho não era relevante.

Sem ao menos cogitar que, talvez, sua mente não fosse um lugar seguro, ela mergulhou na certeza contingente de seus pensamentos. Um desacerto. Mas, em que momento poderia ela prever que seria tolice? Ah! Se ela tivesse ao menos cogitado...

Pressão.

Pressionada pelo mundo, que roga por uma cura.

Exaustão.

Exaurida pela vida, que requer uma força que ela não possui.

Mais pressão.

Pressionada pelos outros, que exigem uma postura impecável.

Terror.

Aterrorizada pelos pensamentos, que a desorientam.

Imersa em sua mente, confrontada pelo subconsciente, encontrou-se numa sala de espelhos, deparou-se, frente a frente, com todos os seus eus, seus pecados, seus erros, cravados em alto relevo, expostos na pele nua. Uma triste obra de arte.

Ouviu ao longe, a voz de um amigo querido. Estaria ela em delírio profundo, iludindo-se com uma voz aconchegante, para, outra vez, fugir de uma realidade agonizante? Chora, ele dizia, pode chorar. A vida é assim. Às vezes, precisamos deixar que as coisas fluam, através de nossas lágrimas. Então, chora!

Ela não queria, manteve-se forte, ao menos tentou. Mas a voz vinha e dizia: chora! Um peso, um sofrimento, apossaram-se dela. Ela, prostrou-se, em prantos. Toda a dor, exaustão, pressão, todo o terror, foram embora, através do rio, que saía de seus olhos.

# 3. *CAPÍTULO*

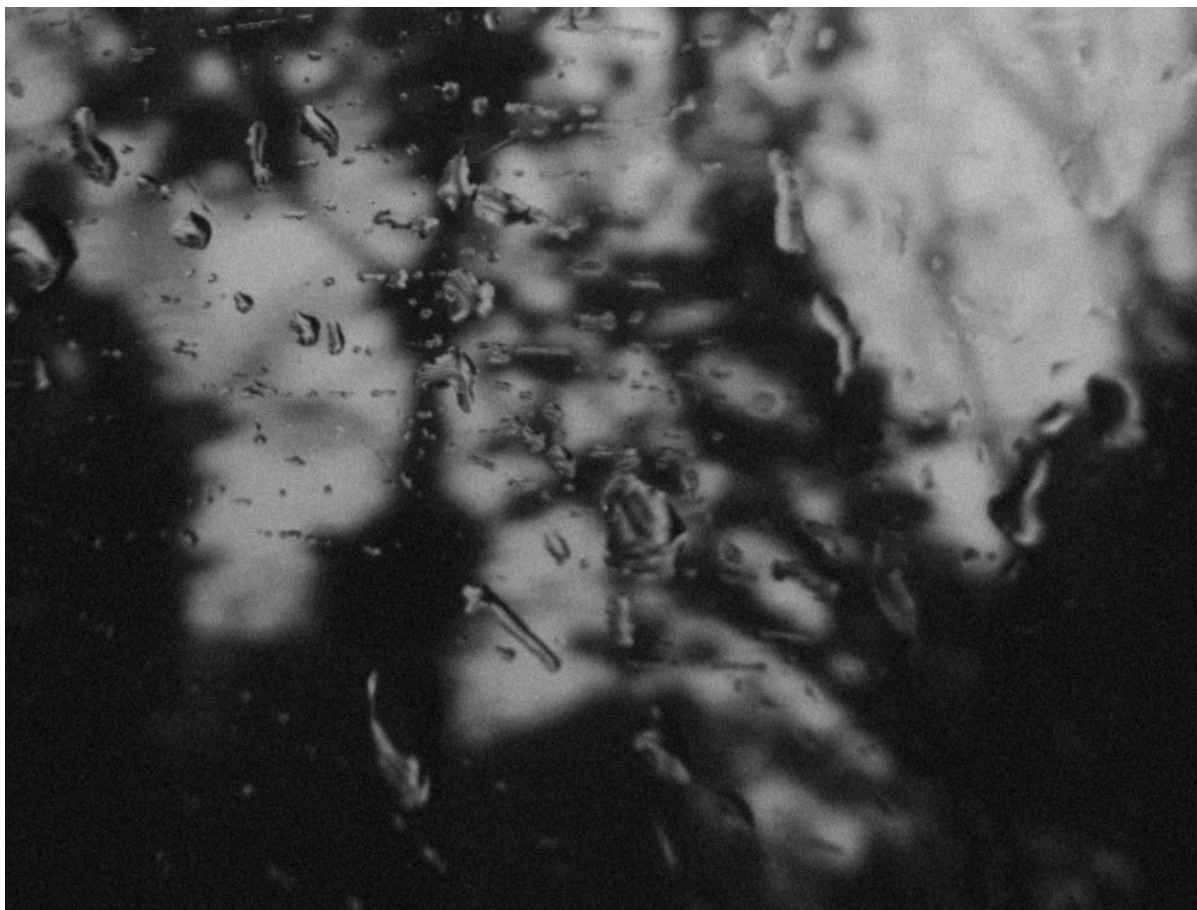


## TEMPESTADE

Depois da  
Tempestade  
Sempre vem a  
Poesia

## TEMPESTADE INTROSPECTA

Chuva amarga  
De tão pesada  
Deixou náufragos.  
Agora só  
Ela volta  
Pra qualquer canto  
Esperando  
Os ventos do fundo  
Soprarem da alma



# breveselegias

I. um céu-  
lamento  
(alguém chora em algum lugar  
um poema curto como fôlego)

II. o dia em sua matéria:  
breve alada mão afastando a cortina –  
a cidade dista.

III. o vírus (palavra impoética)  
em leito universal:  
amor talhando.

IV. dias de *nojo*  
insólito festim:  
o recato do luto negado.

V. era à noite que mortos voltavam  
febrilando as portas do sono.  
Hoje  
o plantão anuncia seus números pela manhã.  
(e nenhum rigor estranho).



VI. o ar excedendo em céu silente.  
- deus, um risonho.

VII. comuns,  
porque o tempo devora o ofício de mão e terra

VIII. a memória carece de um nome  
que não seja ornamento.  
para o pânico que se move sob as línguas.

IX. lembra-se da queimadura primitiva?  
aquela matéria da qual ríamos,  
em nossa pela histriônica?  
(tato contra tato).



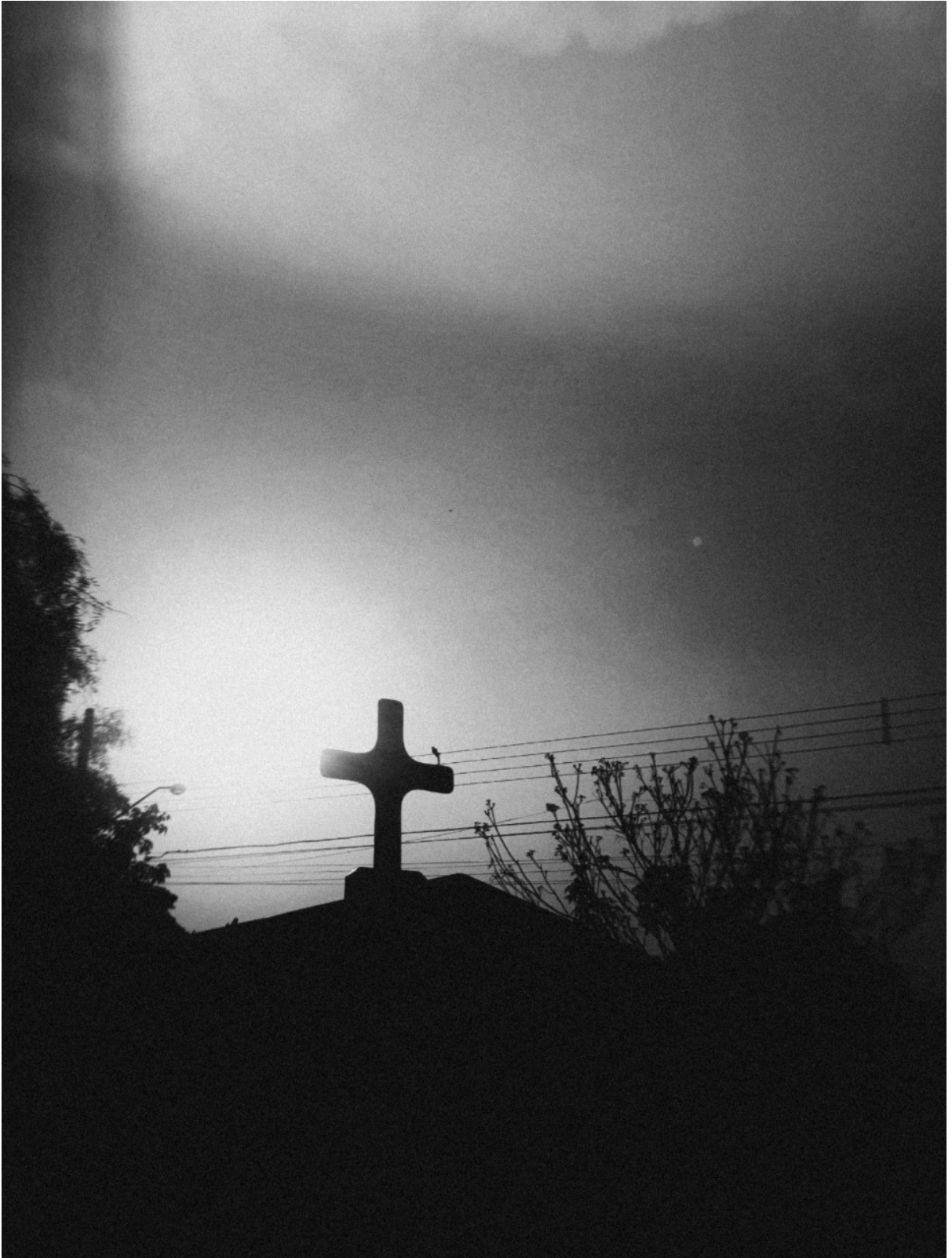


## o desfile

a manhã despe o dia  
neste tempo de fantasia de pássaro.

em torno de tudo entalha-se  
um desejo incendiado de devolver ao toque  
as estrias da presença  
(contra o louco talento do medo).

a morte desfila com suas bocas encobertas de  
nomes.



## DESESPERADAMENTE SÓ

Todo mundo quer ficar só  
Mas ninguém tem coragem  
Enquanto isso  
queimamos quem somos  
presos na ansiedade  
de desesperadamente  
descobrir  
que tudo tem um fim  
incompreensível



## LUNA DANÇA

O silêncio me grita na sua calma  
Totalmente submerso nessas águas  
Eu não posso fugir

E nesse movimento de memórias  
Sempre um raiar de Sol  
E o meu entorpecimento lunar  
Pela janela do quarto

Mas não dancei sob a luz da Lua esta noite  
Não dancei

Sempre estive tão calmo  
Mesmo com a destruição  
Já estive lúcido  
Para ver a solução

(2x)  
O que foi jamais será  
Pois sempre foi assim  
Não adianta contestar  
Não há mais porque dançar

Não dancei com a Lua esta noite

## DELÍRIO SATURNAL

A brisa entra pela janela do quarto. Faz balançar levemente a cortina, até chocar-se contra a parede e, perdendo forças, emancipa-se no ar ambiente.

O relógio na sala de jantar ao lado segue com o insistente som: "tic-tac".

Estou muito cansado para levantar agora. A janela permanecerá aberta... Quem sabe, essa brisa noturna não mude os sentimentos que pairam por aqui.

Inquietante, o relógio não desiste do som: "tic-tac".

A cada noite parece que seu volume aumenta, e o som dos ponteiros do relógio destaca-se na silenciosa madrugada.

Cabem dez madrugadas nessa única noite.

O relógio, "tic-tac". A brisa entrando através da janela, e a cortina dançando no ar. Algum dia essa cama me engole. Me afunda.

O "tic-tac", cada vez mais alto. O celular parece estar travado às 3:45 da madrugada.

Tudo a minha volta assusta. Esta noite sou forasteiro da minha própria casa.

A janela aberta, que denuncia a escuridão do quintal, faz-me pensar que estou sozinho.

Não basta. Sou eu e o irredutível peso do mundo.

("É horrível suportar a humanidade", disse Carolina Maria de Jesus. E onde quer que você esteja, saiba que eu a entendo.)

Levanto-me. Sinto o chão frio, massageio-o com os pés e dedos.

Caminho pelo quarto.

A inevitável dor retorna. Sob meus pés, está o passado, e sob as minhas costas, está essa humanidade, que me atravessa o peito e me torna o eu.

ticEu juro que amanhã irei me livrar daquele relógiotac

Procuro os meus fones de ouvido.

Estou procurando na prateleira de livros, rapidamente.

Longe daqui, escuto algumas músicas tocarem. São músicas antigas, diferentes.

Flashbacks

Nos anos 80 ou 90 eu poderia estar em outro lugar. Uma discoteca? Talvez.

Ouçõ os meus álbuns musicais favoritos pelo fone de ouvido, mas o tempo saturnal despenca na sala de jantar a partir do som dos ponteiros do relógio, perpassa pelos cômodos da casa e me lembra que sou seu refém. Não basta.

Alguém, faça-me uma ligação, por favor. Diga que eu preciso dormir. Mas diga as palavras exatas, as que fazem as minhas pálpebras descansarem e trazem sonhos de alívio.

Porque é inevitável ouvir as músicas *flashback* ao fundo, acompanhado do som dos ponteiros do relógio.

É inevitável se desprender de mim e da áurea que se resguarda nesse ambiente. Qualquer tentativa: um despencar da coreográfica existência.

Na calma e desespero dessa madrugada, analisando os movimentos dançantes e hipnotizantes do tecido da cortina, sinto a brisa refrescando o quarto.

Dessa infinidade noturna, carrego corpos e memórias passadas

E esperando por uma ligação, que eu nunca sequer havia esperado antes

Encontro-me aos mares e ventos noturnos do passado e mergulho temerosamente,

pela brisa da madrugada,

guiado pelo dominante som dos ponteiros do relógio da sala de jantar.

Na janela, uma cidade iluminada por lâmpadas,  
às 3:45 da madrugada.





## PALAVRAS

Há tanto tempo não escrevo  
que às vezes acho que as palavras fugiram de mim.  
Penso, planejo, tenho temas e ideias,  
Penso que da minha vida assumi a boleia,  
mas ela se desorganiza ao ver o papel.  
Esqueço, brinco, finjo que não devo  
Ignoro que sou sempre eu e as palavras no fim.  
Palavras são caminhos para a alma  
São a tempestade e também a calma  
E assustam porque não levam pro céu.

Enrolo um bocado pra dizer o óbvio  
E levo um tempo ainda maior pra pensar  
Pra dizer o que ninguém perguntou  
E nem teve tempo de se importar.  
Escrevo pra sair do tédio, do ócio, do amor,  
Escrevo pra amar.  
Escrevo algo que nem rimou,  
E forço palavras  
Pra tentar explicar o que sinto.  
Mas sobre isso não minto,  
As palavras sabem dizer melhor do que sou.

## FÊNIX

Sou, um pássaro  
Enjaulado.  
Meu canto é silencioso,  
Um grito por ninguém escutado.

Minhas asas,  
Já não alçam mais vôos,  
São meros detalhes em meio  
Às minhas estruturas cansadas.

Aos poucos,  
Busco os saberes ancestrais,  
Esquecidos nas areias do  
Tempo.

Lembro-me que sou  
Fênix.  
E que, das cinzas, posso  
Renascer.

Das cinzas, há de vir nossa  
Salvação.  
Das cinzas, há de vir nossa  
Redenção.



*FIM*

## ADRIANA MENDES POLATO

Professora e pesquisadora do curso de Letras da Unespar – Campo Mourão. Formou-se ladeando na literatura e na linguística, alinhavada em Bakhtin. Tem em todo tipo de escrita um pedaço da vida.

## AMANDA BELZUINO

Estudante do segundo ano do curso de Letras da Unespar - Campo Mourão. Amanda optou pela fotografia para compor o projeto. Ela descreve a fotografia como algo intimamente relacionado a sua vivência e sua forma de perceber o mundo. Para retratar o mundo, Amanda optou por fotografar aspectos do dia a dia, na anormalidade que marca 2020. Para ela, a fotografia vai além de capturar a imagem, mas também capturar as emoções do artista e sua representação, tal como o ofício de uma pintora.

## CAIO VICENTE

Acadêmico do segundo ano de Letras Português/Inglês na Universidade Estadual do Paraná – *campus* de Campo Mourão, Caio Vicente é pesquisador na área de Análise Discursiva foucaultiana pelo Programa de Iniciação Científica (PIC) da universidade. Neste projeto, em parceria com Amanda, Gabriela e Natanael, é idealizador do manifesto *Love it if made it*, cujo intuito maior é chamar a atenção dos interlocutores, por meio das multissemioses mobilizadas, para as não-medidas preventivas da parte do governo federal.

## CAROLINA CASSARIN PAES

Estudante do terceiro ano de Letras e em vias de conclusão do Mestrado Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, ambos cursados na Universidade Estadual do Paraná, em Campo Mourão. Atualmente estuda literatura de autoria feminina contemporânea e dá aulas de ética e política para adolescentes da periferia. Existencialista por natureza, psicóloga por formação, feminista por missão. Quando criança, foi picada por um livro radioativo e aprendeu a nunca mais parar de aprender.

## DANIEL TAVARES

Estudante do segundo ano de Letras na Unespar - *campus* de Campo Mourão. Daniel é músico, cantor e compositor. Com estilo que reverencia grandes artistas da música brasileira, como Renato Russo, e, também, alcança vozes atemporais da música internacional, como Kurt Cobain. Com apresentação mais melancólica, Luna Dança possui um toque do amor jovem sob óptica da solidão, análoga ao isolamento em tempos de pandemia.

## DANIELI CÁSSIA DOS SANTOS

É graduanda do 3º ano do curso de Letras Português/Inglês, na Universidade Estadual do Paraná - *campus* de Campo Mourão. Atualmente é pesquisadora na área da Literatura de Autoria feminina no Programa de Iniciação Científica (PIC), com o projeto "Abandono e Submissão: A desmistificação do amor no romance A condição indestrutível de ter sido, de Helena Terra". Ademais, a escrita de Danieli Cássia dos Santos possui um lirismo marcante, além da idealização de uma realidade fragmentada.

## FABRÍCIO PEREIRA

Estudante do segundo ano de Letras na Universidade Estadual do Paraná - *campus* de Campo Mourão, Fabrício Pereira é, também, estagiário na Secretaria acadêmica do *campus*. Com estilo escapista e um olhar perseverante sobre a vida, "Tempestade Introspecta" é profunda como o mar e alivante como sua brisa. Ainda, encontra-se na escrita de Fabrício Pereira um convite íntimo para um mergulho em sua realidade, e busca de uma válvula de escape, caracterizada no poema pelo uso da metáfora.

## GABRIELA TORRES

Estudante do segundo ano de Letras na Universidade Estadual do Paraná - *campus* de Campo Mourão, pesquisadora na Linguística Aplicada pelo Programa de Iniciação Científica (PIC), escritora e mãe.

## HENRIQUE COLASANTE

Estudante do quarto ano de Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas na Universidade Estadual do Paraná - *campus* de Campo Mourão, Henrique Colasante é pesquisador na área de Estudos Literários pelo Programa de Iniciação Científica (PIC) da referida universidade. Com estilo cínico, irônico e ácido "Desesperadamente só" é o título do poema do autor nesta coletânea que conjura a condição de todo humano: a morte solitária.

## KARINA BRITO MADEIRO

Estudante do terceiro ano de Letras na Unespar - *campus* de Campo Mourão. Karina é pesquisadora na Literatura pelo Programa de Iniciação Científica (PIC). Escritora, sua primeira publicação foi o livro "Segredos da Vida", para o público infanto-juvenil. Atua como professora voluntária de língua inglesa, do programa PROLEN, desde o primeiro ano de estudo (2018), na Universidade. Ex-participante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Ainda com o sonho de pessoas mais conscientes.

## LUDMILA VITÓRIA SOARES

Estudante do primeiro ano de Letras na Unespar. Sempre gostou de atividades artísticas e, com isso, começou a estudar desenho aos 10 anos por conta própria. Alguns anos depois, passou a estudar, também, a pintura, aumentando ainda mais sua paixão pela arte. A escultura, contudo, é algo recente. Alguns anos atrás, produzia blogs sobre história da arte na rede social Amino. Por sempre estudar história da arte, as suas influências são as mais diversas, que vão desde o Giotto, na arte medieval, até artistas mais atuais, mas Van Gogh merece ser destacado, por ter inspirado a escultura presente nesta obra, com sua pintura "Caveira", 1887, óleo sobre tela no *Van Gogh Museum*, em Amsterdã – Holanda.

## MATHEUS GABRIEL IBBA CAMARGO E SILVA

Estudante do primeiro ano de Letras pela Unespar de Campo Mourão, Matheus - conhecido como Ibba pelos seus amigos, é um jovem curioso que sempre busca entender mais sobre o mundo, seus cidadãos e seus princípios éticos e morais. Por gostar de línguas estrangeiras e das mais variadas literaturas, se aproximou de escritores e artistas fora do Brasil, que o inspiram constantemente em diversas vertentes da escrita e da expressão, como Harlan Coben, Elena Ferrante, Kim Tae-yeon e Mariah Carey.

## NATANAEL LIMA

21 anos, Natanael Lima(-Souza) é pesquisador na Linguística Aplicada pelo Programa de Iniciação Científica (PIC) da Unespar. Além disso, escritor de poemas, crônicas e compositor de músicas. Outrora professor da rede municipal de Campo Mourão, agora editor e diagramador. Nas horas vagas é fotógrafo, produtor de marketing, diretor e editor de vídeos. Tem hábito de andar pela casa freneticamente enquanto pensa. Ri sozinho. Ainda, "capista", altamente tomado por uma filosofia humanista, que, às vezes, quer mais é mandar o humano se fu... Se fosse para descrever Natanael, talvez o melhor fosse, no sentido puro da expressão: pau pra toda a obra.

## PATRÍCIA DE MENEZES

Estudante do quarto ano de Letras na UNESPAR – *campus* de Campo Mourão, fascinada por todo tipo de arte, a Literatura foi o que chamou sua atenção para o curso e, naturalmente, seu interesse de pesquisa. Em seus textos, desenhos, pinturas e fotografias seu objetivo é sempre expressar, com luzes, cores e metáforas, o interior controverso e confuso do ser humano. "Begônias, Begônias vermelhas" nasceu parágrafo de um conto, mas pediu sua emancipação, alcançou a embalado pela voz de Aurora em *Churchyard*.



## PEDRO H BRAZ

Estudante do quarto ano do curso de Letras na Universidade Estadual do Paraná – *campus* de Campo Mourão, Pedro Henrique Braz pesquisa sobre literatura negro-brasileira e corporeidade. Ademais, é bailarino de dança contemporânea pelo Centro da Juventude de Campo Mourão, tendo desenvolvido o solo “corpo-alvo”, entre outras apresentações artístico-visuais. Tem artigos científicos e capítulo de livro publicados, sobre as temáticas de negritude e literatura. A memória e identidade são seus caminhos temáticos favoritos.

## SANDRO ADRIANO DA SILVA

Sandro Adriano da Silva é professor universitário do curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná. E porque a poesia é uma lâmina que singra/sangra o dia e o país historiado de extremos, acredita que a poesia seja um pouco utopia, reparação, que, por meio dos grandes e pequenos poemas, pode levar à entrada de um estado poético. Aceitaria ser chamado poeta se a poesia não fosse tão ciumenta, exigindo a exclusividade da alma e do tempo.

## TCHAY VILELA

Tchay Vilela nasceu na cidade de Campo Mourão em 01/04/1994. Atualmente cursa o segundo ano de Letras na Universidade Estadual do Paraná – *campus* de Campo Mourão e é pesquisador na área de Literatura Brasileira Contemporânea pelo Programa de Iniciação Científica (PIC). Tchay começou a escrever poesias em 2017 e possui uma página no Instagram chamada Riscos Lupinos, onde publica frequentemente seus poemas. Sua poesia é influenciada por diversos poetas do Ultrarromantismo, Simbolismo e também por poetas contemporâneos.

## WILMA COQUEIRO

Doutora em Letras/área de concentração em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá. Também é professora adjunta da Universidade Estadual do Paraná/*campus* de Campo Mourão. Integra como pesquisadora o Grupo de Pesquisa Diálogos Literários e o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura - GEPEDIC, ambos da UNESPAR, e o Grupo de Pesquisa LAFEB, da UEM. É coordenadora do Núcleo de Relações de Gênero (NERG), que compõe o Centro de Educação em Direitos Humanos (CEDH), da UNESPAR/*campus* de Campo Mourão. Possui publicações científicas em periódicos e capítulos de livros na área de literatura de autoria feminina e literatura e ensino. Fã da poesia portuguesa de Luís de Camões, Fernando Pessoa, Florbela Espanca e Sophia de Mello Breyner Andresen, sua maior paixão é pela prosa, especialmente os romances clássicos, com preferência por autores como Dostoiévski, Flaubert, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Guimarães Rosa e Rachel de Queiroz. Assim como o mestre da crítica literária brasileira Antônio Candido, acredita que a literatura, com suas luzes e sombras, conjugando o grotesco e o sublime, humaniza em sentido profundo “porque faz viver”.

## BONUS TRACK 1

74

(Carolina Cassarin Paes)

### PRA BAIXO TODO SANTO FAZ POEMA

Resolvi escrever  
um desses poemas  
que tenho lido tanto  
por aí.  
Chamo de  
“poemas pra baixo”  
em alusão  
ao poema em linha reta  
que me fez tremer  
[de desespero]  
naquela segunda prova  
de Literatura,  
porque eu não encontrava  
as tais figuras de linguagem  
que meu professor dizia  
que todo poema  
devia conter.  
Mas esse poema pra baixo  
na descida das suas histórias  
geralmente  
não me conta nada,  
nem me emociona,  
e eu gasto  
um tempo bem maior  
pra entender.  
No instagram  
todo mundo é poeta  
Basta só saber  
[mais ou menos]  
a hora certa  
de apertar o enter.

*BONUS TRACK 2*  
(Natasha Ventania)

CRÔNICA DE UMA TRAGICOMÉDIA ANUNCIADA

Que será que a covid é?  
Um surto epidêmico,  
histeria coletiva.

A covid são as vizinhas de meia idade no bar da frente,  
gritando loucura de gente alcoolizada,  
falando de como a Cleidi retocou as luzes  
e que o bofe da Saleti deixou ela alcoolizadinha.

Mas e daí se ela gostar dum gelzinho na boca?  
Todo mundo sabe que covid não contem tesão,  
ao contrário, aumenta, querido!  
E o "o" ali é intencional  
da mesma forma como será a palavra pau,  
que é pra falar da boca suja e de onde essa gente tem colocado ela,  
ou pensou que jovem na rua estaria fazendo era o que?  
Fugindo de você?

Mas quer saber, culpa sua!  
Não achava legal a peladona na TV e o filhão acompanhando?  
Daí agora corta o Rede Família Brasil pra por Covid-alerta.

Culpa dos jovens, desocupados.  
Desemprego é pra quem quer!  
Covid é doença para quem tem dinheiro.  
O pobre mesmo, que se fode o dia inteiro, nem resfriado quer.

Mas tem gente pior que a gente...  
Nós temos é que agradecer de ter força e o que comer  
e, se estou em dia com o dízimo, nada temeremos.  
nada temos, oremos e não temos remos  
e se o pastor quiser não morremos, amenos,  
"nada temos memo",  
disse Malaquias no deserto.

Assim, se na covid não dão jeito  
decido que não mais existirá.  
Se eu sou rico fico em casa,  
se sou pobre passo fome,  
e o dinheiro nem pro álcool dá.

## *BONUS TRACK 2* (Natasha Ventania)

76

Já nem me importa a máscara.  
Pra que máscara se não me falta ar?  
A covid é mentira!  
Aqui todo mundo menti,  
no bar, na propaganda eleitoral e até no fogo da Seleti.

Só o preconceito da Burguêsilia Brancacional Brasileira que não menti.  
Sim, Burguêsilia Brancacional Brasileira,  
abreviado: BBB.  
Do outro lado: Bilionário da Bunda Branca,  
e que não tá nem aí pra você.

Mas nem dou importância.  
A melhor esperança é trabalhar  
e tentar dar uma alcolorida na vida à noitch.  
Porque o marido da Saletch tem hora extra hoje  
e no nosso S.igilo 27 costume até soltar falsetch.

---

LIMA-SOUZA, Natanael; POLATO, Adriana Mendes; COQUEIRO, Wilma (orgs.). *Instantes cravejados de memórias*. Livro digital: edição única, 2020. Disponível em: <...>. Acesso em <...>.

---